

Título: A imagem do índio na historiografia tradicional sobre a Revolução Farroupilha (1835-1845)

Autor: Murilo Erpen Zardo (Licenciatura em História/UFRGS)

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Santos Neumann

INTRODUÇÃO

Apesar da imensa quantidade de bibliografia sobre a temática da Revolução Farroupilha (1835-1845), especialmente aqui no estado do Rio Grande do Sul, com obras que tratam aquele evento histórico em seus múltiplos aspectos e a partir das mais diversas perspectivas, persiste, ainda, uma carência de trabalhos que problematizem a presença do índio naquele conflito – estes permanecem obscurecidos nesta produção teórica, mesmo que se saiba da existência, à época, de indivíduos indígenas combatendo tanto do lado farrapo quanto do lado imperial.

OBJETIVO E METODOLOGIA

Nesse sentido, o estudo aqui exposto procurou tomar conhecimento, a partir de uma revisão bibliográfica de obras tradicionais sobre o tema (datadas dentre o final do século XIX e meados do século XX) localizadas no acervo de obras raras da Biblioteca Central da UFRGS, de como está presente nestas a figura do índio, por meio do seguinte questionamento: De que forma a historiografia tradicional sul-rio-grandense retratou a imagem do índio nas obras sobre a Guerra dos Farrapos?

A pesquisa foi realizada entre março e maio de 2010, sendo as obras localizadas no acervo da Biblioteca Central a partir das seguintes palavras-chave: *farroupilha*, *farrapos*, *república rio-grandense* e *história do rio grande do sul*. Através de uma leitura minuciosa destes livros, foram buscadas referências à presença indígena em qualquer âmbito do conflito, com a intenção de interpretar que significados os historiadores tradicionais da Guerra dos Farrapos conferiram à imagem do índio, quando esta foi trazida à tona.



Carga de Cavalaria Farroupilha, de Guilherme Litran (óleo sobre tela, 1893)



Guerreiro Indígena a Cavallo, de Jean-Baptiste Debret (1834)



Lindolfo Collor (1890-1942)



Dante de Laytano (1908-2000)

RESULTADOS

Foram localizadas menções à presença indígena no conflito em apenas oito das mais de cinquenta obras pesquisadas. Destas, quatro (ou seja, metade) dizem respeito ao episódio do assassinato do líder farrapo João Manoel de Lima e Silva pelo capitão legalista Roque Faustino, referenciado como indígena, em agosto de 1837. São elas: *História da República Rio-Grandense (1834-1845)*, de Dante de Laytano (1936); *O Sentido e o Espírito da Revolução Farroupilha*, de J. P. Coelho de Souza (1945); *Memória da Guerra dos Farrapos*, do farroupilha Francisco de Sá Brito (editado e revisado por Paulino Jacques em 1950); e *História Geral do Rio Grande do Sul: 1503-1957*, de Artur Ferreira Filho (1958).

Apesar de divergirem sobre a data, a localidade e a circunstância precisas do ocorrido, todas ressaltam o fato de que o assassino de Lima e Silva – personagem caracterizado como “nobre e valoroso” por Arthur Ferreira Filho (1958, p. 85) e como “bravo” por Paulino Jacques (1950, p. 214) – foi um indivíduo indígena. Francisco de Sá Brito chega a caracterizá-lo como um elemento um tanto quanto imoral e desonesto, relatando que Roque Faustino, antes de ser executado pelo assassinato do general farroupilha, havia se oferecido para trocar de lado e combater ao lado dos rebeldes, ao mesmo tempo em que carregava no corpo trajes pertencentes ao líder que havia assassinado (1950, p. 153-154).

Uma deterioração semelhante da imagem do índio também pode ser encontrada em um trecho da obra *Farrapos! – Volume 1*, do conhecido historiador Walter Spalding (1931), que, coincidentemente, faz referência a um episódio também envolvendo João Manoel de Lima e Silva, no qual este, em um ato misericordioso, impede um soldado de seu destacamento, caracterizado como indígena, de, após o fim de um combate, executar o comandante legalista derrotado, Coronel Albano: “Um soldado índio das forças farroupilhas, no momento de segurá-lo, levantou um remo para, com ele, dar-lhe cabo da vida. Lima e Silva, porém, bradou: – Soldado! Um heroe não se mata, salva-se! Remos n’agua! Para terra.” (SPALDING, 1931, p. 95)

Outras três obras chamam atenção para a presença indígena nas tropas do general (ora legalista, ora rebelde) Bento Manoel Ribeiro. Em uma nota de rodapé de *A Epopéia Farroupilha: pequena história da Grande Revolução*, acompanhada de farta documentação da época: 1835-1845, também de Spalding (1963), o professor Antônio Alves Pereira Coruja, revisor da obra, destaca a existência de uma força de guaranis chefiada por Bento Manoel (1963, p. 118). Já em *A Revolução Farroupilha (1835-1845) – Narrativa Sintética das Operações Militares*, obra de 1938, seu autor, o General Augusto Tasso Fragoso, em sua descrição da vitória das tropas legalistas de Bento Manoel sobre as forças farroupilhas no combate do Passo do Rosário (o qual teve lugar em 17 de março de 1876), resalta a existência, nestas, de uma infantaria composta por 80 guaranis (1938, p. 64), além de listar, em uma nota de rodapé sobre a composição da forças legalistas de Bento Manoel da batalha da Ilha do Fanfa (sucedida mais tarde no mesmo ano), a existência de duas unidades militares provenientes das Missões, sendo uma delas de infantaria e outra de lanceiros (p. 85) – com grande probabilidade de serem compostas, exclusiva ou majoritariamente, por missionários guaranis.

Finalmente, Lindolfo Collor, em *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* (1938), relata a cessão, por parte de Bento Manoel, “de praças do 3.º corpo de cavalaria e cem índios” para o caudilho uruguaio Fructuoso Rivera, o qual estaria planejando invadir a República Oriental (1938, p. 108). Além disso, há, nesta obra, uma interessante descrição do cotidiano de um destacamento militar farroupilha comandado por Bento Gonçalves, na qual o autor faz menção à presença de índios e negros no interior das tropas, entre outros tantos variados tipos que compunham o exército farrapo (p. 153-155).

CONCLUSÕES

A partir da análise das poucas menções sobre a presença indígena no conflito encontradas nestas obras da historiografia tradicional sobre a Revolução Farroupilha, foi possível concluir:

1. Que a figura indígena, bem como outras referentes a diversos elementos historicamente oprimidos da sociedade, é um elemento marginalizado por esta historiografia – tendo em vista sua ínfima presença no conjunto das obras focalizadas – a qual primazia uma narrativa centrada nos grandes feitos dos líderes brancos, homens e oligarcas;
2. Que o índio, quando retratado individualmente, é negativamente caracterizado, em relação ao homem branco, como inferior, incapaz de feitos grandiosos e traiçoeiro – vide a metade das obras com trechos em referência à figura indígena ser integrada por trabalhos que mencionam o episódio do assassinato de João Manoel de Lima e Silva por um índio que ocupava o posto de capitão nas fileiras legalistas;
3. E que, quando citado enquanto uma coletividade (de índios e/ou de guaranis), não recebe grande importância na narrativa histórica, sendo apresentado como um coletivo de anônimos, apenas mais um elemento de composição de determinados destacamentos armados.

BIBLIOGRAFIA

- BRITO, Francisco de Sá; JACQUES, Paulino. *Memória da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Souza, 1950.
- COLLOR, Lindolfo. *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- FERREIRA FILHO, Artur. *História Geral do Rio Grande do Sul: 1503-1957*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *A Revolução Farroupilha (1835-1845) – Narrativa Sintética das Operações Militares*. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1938.
- LAYTANO, Dante de. *História da República Rio-Grandense (1834-1845)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.
- SOUZA, J. P. Coelho de. *O Sentido e o Espírito da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.
- SPALDING, Walter; CORUJA, Antônio A. P. *A Epopéia Farroupilha: pequena história da Grande Revolução, acompanhada de farta documentação da época: 1835-1845*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963.
- SPALDING, Walter. *Farrapos!* Porto Alegre: Livraria Selbach, 1931. v. 1.